



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

THAISSAN PASSOS

(depoimento)

2018

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Thaissan Passos

Entrevistadora: Mariana Cristina Borges Novais

Local da entrevista: Santos Dumont, Minas Gerais

Data da entrevista: 08/01/2018

Processamento da Entrevista: Mariana Cristina Borges Novais

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 19 páginas

Número da entrevista: E-484

Data da autorização para publicação no Repositório: 30/04/2019

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Mariana Cristina Borges Novais intitulada **À beira do gramado ou fora do jogo?: As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil** apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em junho de 2018.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

Santos Dumont, 08 de janeiro de 2018. Entrevista com Thaissan Passos a cargo da entrevistadora Mariana Novais para a dissertação de mestrado.

T.P. – “Meu nome é Thaissan Passos, tenho trinta e um anos. Brasileira, natural de Duque de Caxias, etnia parda. Solteira e não tenho filhos. Eu sou formada em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e possuo Pós Graduação em Gestão de Projetos Educacionais. Atuo como treinadora em Duque de Caxias. Todos os dias da semana eu me dedico ao futebol.”

M.N. – Então você pode começar me contando, por favor, como era a sua relação com o esporte na sua infância?

T.P. – Então, eu sou neta de uma avó emprestada com quatro netos. E aí eu precisava brincar com os meus primos e a brincadeira antigamente era jogar futebol. Todo mundo queria jogar futebol. Então eu comecei a brincar de futebol com os meus primos em casa, no terraço de casa, na garagem e depois minha avó... A minha família acabou me liberando para brincar na rua com eles de futebol. É... Depois de um tempo quando eu comecei a ter de uns oito para nove anos... E com doze para treze anos os meus primos entraram para uma escolinha de futebol e eu tentei entrar nessa escolinha também, mas não aceitavam meninas. Aceitavam só meninos. E aí eu fui jogar handebol porque a moça falou que era uma modalidade mais próxima do futebol que eu chegaria. Eu fiquei bem frustrada por não conseguir jogar com os meninos, não participar daquela brincadeira com eles. Continuei jogando, praticando esportes... Sempre gostei muito de esportes, então eu fazia judô, eu já joguei handebol, já fiz arremesso de peso... Até que quando eu estava fazendo treze para catorze anos abriu uma escola no núcleo do Vasco perto da minha casa, e aí eu ficava sentada vendo os treinos até que o professor me chamou para participar das aulas e tal. E eu ia escondida da minha mãe porque eu achava que minha mãe não ia deixar, na verdade. E aí eu meio que ia na escolinha paga mas ele meio que me deu uma bolsa aí eu fiquei jogando. Então eu fiquei meus treze, catorze participando dessa escolinha e minha mãe acabou descobrindo... Foi uma confusão porque minha mãe tinha um salão de beleza. Não era o que ela sonhava muito para mim, mas com o passar do tempo foi ficando uma coisa mais séria... Eu era muito dedicada e acabava que os meninos

estavam sempre me chamando para participar das competições, para brincar e coisa e tal. E aí com quinze anos o meu treinador, que é um cara bem famoso aqui no município de Duque de Caxias, de revelar atleta... Ele falou que não dava mais para eu ficar com ele, porque eu estava evoluindo bastante e aí ele me levou para fazer teste Duque de Caxias. E aí eu fiz o teste, fiquei e aí iniciou minha carreira como atleta de futebol feminino... Antes era... Eu jogava junto com os meninos.

M.N. – Entendi. E você comenta sobre a questão da sua mãe, de talvez pensar que ela fosse brigar com você, comentou também sobre esse treinador que te apoiou no sentido de te fazer crescer e ir para outra escolinha... Você citaria mais alguém que tenha lhe incentivado e lhe apoiado nesse processo?

T.P. – Então. Essa minha avó emprestada sempre gostou muito de futebol. Ela é tricolor... Fluminense doente e ela sempre... Eu nunca passei por preconceito para jogar bola dentro do meu ciclo familiar assim. Com minha avó, os meus primos, a minha madrinha... Sempre me apoiaram para eu fazer o que eu quisesse. A questão da minha mãe... Não é que... Eu tinha medo porque a minha mãe tinha um salão de beleza, ela tentou me colocar no balé, ela tinha uma questão, mas ela assim... Nunca me proibiu. Eu que tinha medo de frustrar a minha mãe. Tanto que quando eu fiz quinze anos... Na minha festa de quinze anos eu pedi... Eu era goleira então eu pedi um kit de goleira. Eu ganhei chuteira, luva, caneleira, meião da minha família para eu poder iniciar meus treinamentos. Então assim... não é que minha mãe tinha preconceito. Eu que tinha medo de não ser para minha mãe o que ela gostaria que eu fosse, entendeu?

M.N. – E as outras pessoas, em geral, como você entende que elas percebiam a sua participação no futebol?

T.P. – Nossa. As outras pessoas era terrível. Porque assim... eu sempre falo para as pessoas: criança não tem preconceito, sabe. Os amiguinhos da rua... Ninguém tinha preconceito. Todo mundo ia me chamar para brincar. Para eles todo mundo é igual, criança é criança, não importa se é menino ou menina. Mas os pais viam de uma outra maneira. Eu era uma criança que ficava na rua brincando com os meus primos e a gente

ia para a escola, fazia tudo direitinho mas a noite a minha avó deixava a gente ficar na rua brincando. E eu era a única menina que ficava. E as pessoas são muito preconceituosas... Eles chamavam de tudo: “mulher-macho, sapatão...”. Só que graças a Deus a minha vida esportiva começou a dar resultado muito cedo então logo assim que eu fui para o Duque de Caxias eu ganhei bolsa de estudo para estudar em uma escola melhor e aí você já não pode ficar tanto na rua porque você precisa treinar. Logo vem a primeira viagem, a primeira página de jornal então as mesmas pessoas que têm preconceito são as pessoas que depois batem nas suas costas e dizem: “Poxa, legal que você chegou”. É... a sociedade em si se você não se encaixa naquilo que eles esperam... as pessoas são muito cruéis e depois acabam fingindo que nada aconteceu. Mas a minha história não é diferente de muitas pessoas. As pessoas acham que, às vezes, quando a gente opta pelo futebol a gente é vagabundo, quando a mulher opta por jogar futebol ela é porque ela é lésbica e as coisas não são bem assim. Hoje, graças a Deus, eu não posso dizer que eu não passo por preconceito, mas a visão das pessoas é um pouco melhor, mais respeitosa. E assim, volto a dizer... Eu falo isso sempre nas reuniões pros pais dos meus alunos nas reuniões: criança não tem preconceito. A criança passa a ter preconceito a partir da visão dos pais.

M.N. – Exatamente. E sobre essa questão do preconceito, quando você se considerava um alvo, se lembra e consegue descrever alguma situação que tenha lhe marcado?

T.P. – Ah eu lembro da primeira vez que eu fui jogar uma competição pela escolinha lá do professor Thiaguinho. E eu era goleira e jogava no sub-13. E a gente foi jogar uma competição em Minas... Era um triangular... Contra o núcleo do Cruzeiro e aí ele tinha ligado para o rapaz e tinha falado para o rapaz que ele ia levar uma menina para jogar porque a menina agarrava bem e coisa e tal... E, na época, teve um jogador que até passou pelo São Paulo agora, e na época jogava pelo nosso sub-15 e o interesse do cara era ver esse jogador para poder levar para o Cruzeiro... Que é o... O Marcelo Paraíba. Ele não é o Paraíba que todo mundo conhece não. Ele tem passagem pelo São Paulo, mas hoje ele joga no Japão. Na época o apelido dele era Soró, para a gente. E aí ele: “não, então traz o sub-13 e o sub-15”. E ele falou: “Olha, meu goleiro é uma menina”. Aí o cara: “Não, não pode.” E aí ele não me contou essa história. A gente teve umas oito horas até Minas de ônibus e chegou lá ele pediu para todo mundo sair do vestiário e virou para mim e falou:

“Olha, você vai colocar esse boné... Tu vai colocar o cabelo todo para dentro porque os caras não queriam que você jogasse e eu achei um absurdo.” E eu assim... Eu tinha treze anos, eu queria jogar... Eu não queria saber se meu cabelo iria estar para dentro, para fora... Eu queria jogar. E aí a gente acabou ganhando o jogo por 3x1, eu fui o destaque da partida e o cara veio dar parabéns para a equipe e daí o professor Thiaguinho virou e falou: “Você lembra da menina que você não queria que jogasse e coisa e tal?” Aí o cara falou: “Eu lembro.” Daí o meu professor tirou o boné do meu cabelo e falou: “É. A menina está aqui. Está aqui a menina que você falou que não ia jogar... Ela foi o destaque da partida.” E aí o cara me pediu mil desculpas e eu voltei muito feliz para a casa, não entendendo que aquilo era um ato de preconceito porque para mim o mais importante era ganhar o jogo, mas a partir daquilo ali eu percebi o que eu podia, sabe, para a minha vida e eu sou muito grata porque passaram “n” pessoas na minha vida... Pessoas de clube, de experiência de jogar em grandes clubes, mas para mim o professor Thiaguinho é a minha referência de início porque a gente está falando de 1998, 1997 em que eu era a única jogadora de uma escolinha de futebol, sabe... Menina... E que ninguém aceitava e ele sempre, *sempre* bateu de frente por mim. Então eu acho que depois que você chega ao clube e os resultados começam a chegar é muito fácil alguém dizer que te ajudou, sabe, mas é quem bateu de frente mesmo... Até mesmo para eu não desistir, foi ele. Ele é uma grande referência para mim.

M.N. – Que legal. E além dele, por quem mais você foi treinada nessa sua trajetória?

T.P. – Cara, eu fui treinada pelo professor Edson Galdino que até hoje está a frente do Duque de Caxias. O Duque de Caxias é, junto com o Flamengo, a grande referência aqui no estado do Rio de Janeiro. Esse cara... Se o futebol feminino do Rio de Janeiro ainda existe é porque essa cara luta muito, acredita muito. Perdeu apoio, perdeu patrocínio, tira dinheiro do bolso para poder bancar a equipe para jogar as competições. Eu tive o *prazer* de ser auxiliar técnica dele durante dois anos, inclusive ano passado no Campeonato Brasileiro. Por questões de estar fazendo Pós-Graduação e entrando em um grupo de estudos para o Mestrado na UFRJ com especialização em futebol, eu optei em sair do Duque de Caxias por querer ir conseguindo outras coisas na minha vida, mas esse cara é uma lenda no que diz respeito ao futebol feminino, sabe. Quando ninguém acredita ele

empenha joia, ele vende as coisas dele e é por isso que ainda existe o Duque de Caxias, ainda existe... enquanto todos os times do Rio de Janeiro acabaram, o Vasco veio, o Botafogo veio, o Bangu, o Flamengo foi Flamengo, o Botafogo foi Vasco, mas o Duque de Caxias nunca acabou por causa desse cara. Então ele é uma grande referência para mim e também tem treinadores de futebol de salão, de futsal, aqui no Rio que é o Felipe Orelha, o Mauro Longo e o Wiliam que foram grandes referências num colégio aqui do Rio de Janeiro que é o Colégio Percepção. Onde “n” jogadoras que hoje estão em grandes clubes, como a Diane do Flamengo Marinha, a Mariane do Rio Preto, a Michele do São José... São todas do Rio de Janeiro, todas elas saíram dessa mesma escola, desse mesmo projeto que eu tive o grande prazer em participar durante cinco anos. Infelizmente, hoje, o Wiliam não está mais no futebol feminino. Ele é empresário no futebol masculino mas é um cara de grande referência para mim.

M.N. – Legal. Treinada por mulher, você nunca foi?

T.P. – Não. Eu nunca fui treinada por mulher.

M.N. – Entendi. E aí passando agora já para a questão da sua carreira como treinadora, me conta um pouco como ela começou.

T.P. – Então, em 2012 eu estava jogando futsal no Fluminense. Em 2011 eu jogava no Mackenzie aqui no Rio e eu recebi uma proposta da Prefeitura de Duque de Caxias de estar trabalhando com o futsal, com a equipe principal no Jogos Abertos do Interior. Que é como se fossem os Jogos Regionais de São Paulo. Porque nessa época, o Edson Galdino era técnico tanto do Duque de Caxias no time de futebol de campo, quanto da Prefeitura. Só que foi a época que teve o “Bum” e que o Duque de Caxias foi campeão da Copa do Brasil. Então ele não tinha como ficar com as duas coisas. E eu acebei, como já estava formada na faculdade, nunca tinha trabalhado no município, eu acabei aceitando o desafio. Aceitei o desafio e acabei sendo campeã da competição. E aí eu comecei a pensar se eu ainda teria o que acrescentar como atleta. Eu ainda continuei jogando... 2011, 2012 eu joguei Copa do Brasil pelo Fluminense, joguei o campeonato Carioca de Futsal e aí foi quando eu recebi a proposta do Instituto Loide Martha, que é a escola na onde hoje

acontece o meu projeto o “Daminhas da Bola”, para assumir a equipe, para dar bolsa de estudos para as meninas jogarem as competições estudantis do Rio de Janeiro. E nesse mesmo ano, graças a Deus, eu já fiz uma primeira final e perdi essa final para o time do Edson Galdino que era o Casemiro de abreu por 1x0 e nesse dia ele me abençoou e falou para mim: “Olha, eu encerro aqui minha carreira a nível estudantil e depois de mim ninguém mais vai ganhar as competições do município a não ser você!” E desde então, desde que o professor Edson saiu, eu sou pentacampeã dos Jogos Estudantis de Duque de Caxias com a benção dele. E aí em 2012 para 2013 eu já vi que era o que eu queria para a minha vida, que eu já não tinha mais tanto prazer em treinar... Desde treze anos de idade. E aí as propostas de trabalho foram melhorando, eu queria me especializar e aí eu resolvi cair de cabeça. Então, atuando desde 2011 para 2012 buscando outras coisas.

M.N. – Muito legal. E você cita muito esse senhor, o Edson Galdino, você diria que ele tenha sido fundamental para sua inserção? Já que você assumiu a equipe porque ele não podia ou você tem outra pessoa para citar nesse começo?

T.P. – Não, então. Na verdade, ele foi um treinador muito importante para mim, a gente ficou um bom tempo sem se ver e depois a gente veio a se encontrar eu já como profissional. A gente se encontrou em beira de quadra e coisa e tal. Ele sempre foi uma grande referência para mim pela luta dele como professor. A luta dele como militante do futebol feminino. Lógico que eu me espelho nele porque um cara que é nove vezes campeão carioca, um cara que até eu conseguir esses cinco títulos, só ele tinha sido campeão dos Jogos Estudantis de Duque de Caxias... Lógico que é uma referência para mim. Na verdade, quando eu entrei para ser treinadora em 2011, eu aceitei, eu me perguntava porque não tinha mulheres trabalhando com o futebol. E aí a resposta que eu tive foi que elas não tinham competência e aí aquilo mexeu muito com meu brio. E aí eu fui buscar ser competente, eu fui buscar ter argumentos, eu fui buscar saber falar, respeitar e discutir sobre futebol. Então assim, virou um desafio para mim saber. Porque na verdade eu sempre pensei “e quando eu parar de jogar, o que eu vou ser?” Eu sempre quis trabalhar com o futebol. Não imaginei que seria tão rápida a minha transição. Não foi uma coisa dolorida, tipo “Caramba, eu vou deixar de jogar”, foi uma transição muito satisfatória. “Não me vejo mais como atleta” e aí as coisas foram acontecendo para mim.

M.N. – E você considera ter havido alguma dificuldade no começo da sua carreira? Perante família, amigos, dirigentes, comissão, as próprias atletas...

T.P. – Sempre. Muito mais... Atleta você até acaba conseguindo quando você tem um grupo que está com você, um grupo que está junto. É um primeiro desafio e que depois uma passa para a outra que você é uma boa profissional e as coisas começam a melhorar. Agora dirigente, diretor é sempre uma gracinha. Quando você ganha fala que foi sorte, e aí você sempre tem que estar dando resultado para não terem o que falar de você. Ainda tem muito preconceito, muita gente que fala que não tem é mentira, tem sim. Mas na frente da mídia... Nas perguntas, algumas pessoas fingem que não tem. Muita gente mesmo que ainda não vê a mulher como uma profissional competente no futebol.

M.N. – E como você venceu ou ainda vence essas dificuldades?

T.P. – Me capacitando. Eu tenho gana de estudar. Eu tenho gana de fazer curso, eu tenho gana de me preparar, de fazer estágio, de melhorar a qualidade dos meus treinos. Porque quando você tem uma estrutura, eu não estou falando financeira e nem uma estrutura de material porque no futebol feminino a realidade não é essa. A gente tem que trabalhar com o que a gente tem. Mas quando você se estrutura para você chegar a algum lugar os resultados vêm. E eu não posso reclamar dos meus resultados como profissional. Lógico que a gente não pode ficar na zona de conforto, cada vez mais você tem que buscar estudar, você tem que buscar desafio e eu me preparo *todos os dias da minha vida* acreditando no crescimento do futebol feminino. E eu tenho certeza que vai acontecer e quando as oportunidades maiores chegarem eu tenho certeza que eu vou estar preparada.

M.N. – Legal. Se Deus quiser. Uma das próximas perguntas era sobre isso. Sobre o que você considera importante para o sucesso na carreira. Acredito, então, que tenha relação com essa questão da capacitação.

T.P. – Isso.

M.N. – E sobre essa capacitação, queria que você falasse se realizou algum curso específico, além de já ser graduada em Educação Física, contar um pouco como é esse processo de capacitação da treinadora no Brasil.

T.P. – Infelizmente a gente não tem muitas mulheres ainda que tenham buscado se capacitar. Eu, graças a Deus, tive oportunidade de ganhar uma bolsa da CBF para fazer a Licença C. Infelizmente os custos do curso são bem altos, a gente precisa se programar bastante para conseguir fazer, então eu fiz a Licença C no início de 2017. De 2017 para 2018, eu fiz o curso do Sindicato dos treinadores de futebol de São Paulo. É um curso referência nacional. Eu fiz cursos também de futsal pela Confederação... Federação do estado do Rio de Janeiro. Fiz também de Fut7 pela Confederação Brasileira de Fut7. Eu venho fazendo também vários cursos da Universidade do Futebol, tenho curso de Gestão no Futebol, tenho curso no Instituto de Gestão Desportiva. Tenho pós graduação em Gestão de Projetos Educacionais, faço especialização em futebol na UFRJ coordenada pelo professor Parreira e faço parte também do grupo de estudos em Ciência do Futebol na Universidade Federal do Rio de Janeiro. O que eu posso fazer, eu acho que é investir em você como profissional é investir no teu sonho. E eu acredito muito que se existir alguma coisa que vai te dar retorno na sua vida é você se preparar. É você se capacitar. Conhecimento nunca é demais, então enquanto eu posso estar estudando, fazendo curso online ou presencial eu faço porque eu acredito muito que a mulher, independente de qualquer coisa, seja no futebol ou dentro de um escritório, ela sempre vai ser desafiada. E a gente precisa estar preparada para responder esses desafios à altura.

M.N. – Exatamente. E o que você tem a dizer sobre as redes de contato na carreira de treinadora?

T.P. – Cara, é muito importante. Esse networking de você estar conversando com pessoas eu acho engrandecedor cada vez que você vai fazer um curso e descobre como está o futebol em São Paulo, como está o futebol no Sul, como está o futebol no Nordeste e aí você acaba sabendo que a tua realidade... O que você acha que você passa aqui é... Existe uma outra coisa do outro lado do país, entendeu. Tem oportunidades, às vezes você está aqui esperando uma oportunidade e aí tem um amigo seu que está vendo alguma coisa

em algum outro lugar, mas eu ainda acho que dentro do futebol feminino é uma coisa muito restrita. Eu acho que os treinadores, as pessoas, os dirigentes são um pouco egoístas. Eles acham que você conversar, você trocar telefone, perguntar como é o treino isso é você querer o lugar e não é isso. Eu vejo isso muito no futebol feminino. Não é isso. A gente vê as Licenças de CBF, a gente fez agora a Licença A ou não sei se a Pró em que estava o Roger, em que estava o treinador do Flamengo que está no Vasco agora... o Zé Ricardo, e outros treinadores... O Carille, e um do Vasco um do Corinthians e os caras não têm esse tipo de vaidade. Estão ali trocando informação, trocando ideia e eu acho que é isso. O futebol moderno hoje é um futebol estudado, é um futebol de capacitação em que o treinador vai sim para a sala de aula. São pouquíssimos os treinadores de conhecimento empírico e existem aqueles que tinham só o conhecimento empírico e hoje estão buscando a sala de aula e eu acho que está faltando isso para o futebol feminino.

M.N. – Verdade. E aí já nessa pegada de como está o futebol feminino hoje, em relação à profissão de treinadora, como você diria que ela está estruturada?

T.P. – Treinador ou treinadora?

M.N. – Treinadora. Em relação às condições de trabalho, condições trabalhistas, se é que a gente pode chamar de profissão pelo modo que sabemos que as coisas são conduzidas.

T.P. – A gente conta no dedo as pessoas que realmente vêm se preparando para um *possível* profissionalismo porque não é profissional. A gente fica feliz, a gente tem exemplos de mulheres que... A Débora Ventura que é a única mulher que tem a Licença Pró no Brasil, que está na seleção sub-17 com o Luizão, uma grande referência. A Ana Gonçalves da Ponte Preta que fez a Licença B. A Daniela Alves, a própria Emily que fez tudo o que fez, mas se você contar, conta no dedo da mão as pessoas que conseguiram chegar até aí. E conseguiram muitas vezes por ajuda, conseguiram por competência, porque bateram na porta, falaram “Olha, eu estou aqui!” e a gente precisa que essas mulheres sejam vistas de uma outra maneira porque isso já está acontecendo nos outros países. Essa questão da obrigatoriedade do futebol feminino no Brasil, ela vem para 2019

e a gente não tem profissional para colocar em todos os clubes. Parando para pensar que a regra vem, que tem que ter uma mulher na comissão técnica, nós não temos mulheres para todos os clubes. *Capacitada* para o clube. O cara vai pegar uma mulher que faz Educação Física que as vezes não sabe nem dominar uma bola e vai colocar porque foi obrigado. Á Ele não vai colocar porque está se preocupando com a capacitação da mulher, então eu acho que a gente precisa... As treinadoras, a CBF, as pessoas que realmente acreditam no desenvolvimento do futebol feminino, a gente precisa se unir. Se unir para se encontrar, para estudar, para conseguir direitos de um curso mais em conta ou então que os próprios clubes sejam obrigados a pagar porque é um custo muito alto as Licenças e tudo que está acontecendo. Mas a gente precisa correr atrás. Porque só ficar falando que é caro, que é difícil não vai cair do céu. Não vai. Então a gente precisa se unir, buscar essas mulheres que são referências como apoio e correr atrás para que o leque abra para outras mulheres.

M.N. – Com certeza. E ainda sobre essa questão da profissão, o que você tem a dizer sobre a remuneração? Você está satisfeita com a sua remuneração no futebol?

T.P. – Não. Não, primeiro porque eu trabalhei no Duque de Caxias durante dois, três anos e é aquilo que eu falei para você. Quem banca tudo, toda a estrutura do clube é o professor Edson, na parte do futebol feminino. Então eu trabalhei de graça e fica muito complicado quando você perde anos da sua vida estudando... Eu estava falando ali com você antes na internet, fendo um monte de coisas, lendo, buscando na internet o que está acontecendo com o futebol no mundo, com o futebol feminino no mundo e as pessoas achando que você vai para ali e vai jogar dois coletes e duas bolas e achar que você tem que ser campeã da Série A do Campeonato Brasileiro. Então, assim, o que você considera como remuneração? Eu não acho que um profissional de Educação Física, um profissional que tenha licença, um profissional que gasta dinheiro, que se empenha, que está de domingo a domingo na beira do campo e que ganha mil reais, dois mil reais seja valorizado. Porque o investimento é altíssimo. O investimento que você faz, mesmo quando você ganha uma bolsa, o investimento que você faz de estadia, de deslocamento, de tecnologia, de ter um celular legal, um computador, filmar os jogos e ver depois, isso tudo gera custos e isso

não vem dos clubes. Vem dos próprios treinadores que querem evoluir. Das treinadoras que querem evoluir.

M.N. – Sim. E você acha que essa realidade é a mesma para os homens que atuam no futebol das mulheres?

T.P. – Acho sim. Acho que óbvio que... Eu acho que os homens não aceitam muito o que a mulher aceita. A mulher aceita muito desafio, aceita muito que precisa estar no mercado. Os homens não. Os homens geralmente já vêm do mercado do futebol masculino, já têm uma outra visão que não pode trabalhar de graça, é um cara que tem filho e precisa sustentar família então é uma outra realidade, *geralmente*. Mas toda regra tem a sua exceção.

M.N. – Então você acha que não há muita compatibilidade quando se trata de remuneração de um treinador mesmo sendo no futebol feminino?

T.P. – Não, eu não acho. Eu acho que a realidade financeira do futebol feminino é muito ruim para os dois lados.

M.N. – Tanto se você é treinadora ou treinador, não importa?

T.P. – Não importa.

M.N. – Quando se compara aos treinadores do futebol masculino você acha que é compatível a realidade salarial?

T.P. – Não, não. Isso aí não. Não tem nem como.

M.N. – Entendi. E você falou um pouco das suas atuações, sempre falando que foi auxiliar e também treinadora. Fora isso, você também chegou a exercer alguma outra função dentro da comissão técnica?

T.P. – Não, não. Eu sempre fui treinadora tanto no futsal quanto no campo. Auxiliar técnica do professor no Duque de Caxias, mas eu sempre trabalhei como auxiliar ou técnica, nunca desempenhei outra função não.

M.N. – E você sabe dizer ou tem opinião formada sobre a existência de possibilidade de uma progressão hierárquica na ocupação dos cargos dentro das comissões técnicas no futebol feminino?

T.P. – Acredito. Acredito que não é uma coisa fácil. Não, e na verdade, eu comecei como preparadora física sim. Em 2014 eu entrei como preparadora física do professor Edson, acredito sim, é difícil, é uma luta diária. De “Ah não, como treinadora não vai ser possível”, “Deixa como auxiliar”, mas eu acho que é a parte do comprometimento. A mulher é muito comprometida. As coisas começam a acontecer. Não é uma situação fácil que acontece de uma hora para a outra, mas eu acredito sim.

M.N. – Bacana. E ainda falando sobre essa questão da comissão, queria que você descrevesse um pouco como é o processo de formação de uma comissão técnica. Se você enquanto treinadora tem autonomia em fazer as escolhas de quem vai trabalhar com você, como é isso?

T.P. – Então, eu posso te responder no meu projeto porque no Duque de Caxias partem do princípio de que o Diretor técnico era o Edson Galdino então ele que tinha todo o aparato para fazer tudo isso. Eu, técnica do Daminhas da Bola, técnica de futsal do Instituto Loide Martha, parto do princípio que vão trabalhar comigo dois tipos de pessoas. Pessoas comprometidas e pessoas interessadas. Eu acho que isso faz a diferença lá na frente. Pessoa que acredita no projeto, que acredita... Uma comissão técnica parte do princípio de que todo mundo tem que ter o mesmo objetivo. É ser quarto colocado, quinto colocado, é não rebaixar, é não... É ser campeão. Então, para comissão técnica, tem que ser aquela comissão que você confia, que você olha e a pessoa já sabe o que você quer dizer e isso é difícil acontecer, mas geralmente quando acontece os resultados são muito bons. Eu sei que existem luas em que o treinador não tem autonomia para fazer tudo isso. Levam um preparador físico, ou alguém da análise de desempenho, não conseguem

montar toda sua estrutura de comissão. Mas quando se consegue, geralmente o resultado é muito satisfatório.

M.N. – E em relação à formação da equipe esse raciocínio é o mesmo?

T.P. – Sim, sim. Para mim o raciocínio tem que ser sempre esse. O comprometimento de todo mundo e o ideal de todo mundo as vezes é melhor do que você ter uma equipe de craques, uma equipe de jogadoras ou jogadores experientes... Hoje o futebol é jogado por todo mundo. Desde a pessoa que limpa a chuteira ao presidente do clube que cada vez a gente vê mais a importância de um presidente de clube ter outra visão do futebol feminino. Quando isso acontece, a exemplo do Santos, a exemplo do Iranduba, as coisas andam.

M.N. – Legal. E aí em relação mais a sua atuação no Duque de Caxias, como você descreve a relação sua com as pessoas que eram lideradas por você?

T.P. – Era uma coisa muito pensada com o professor Edson. Toda a minha organização de treino vinha mediante ao que ele queria para a equipe. Ele passava as ideias, eu passava os trabalhos, ele me dava o ok e eu apresentava para as meninas. A aceitação das meninas era muito boa. Eu sou muito grata ao que o Duque de Caxias me ofereceu com o que podia me oferecer. E eu sou grata pelo meu crescimento profissional porque o professor Edson falava “Você vai fazer e se estiver errado eu vou te dizer depois”. É o famoso feedback. Mas tudo no Duque de Caxias parte da ideologia do professor Edson. Ele pensava e mediante ao que ele pensava eu preparava a equipe para ele implementar a parte tática.

M.N. – E você fala sobre essa gratidão pelo que o Duque de Caxias te oferecia dentro do que poderia te oferecer, como são as condições de trabalho nessa realidade dos clubes brasileiros?

T.P. – Então, a gente está falando... São realidades muito diferentes. A realidade de São Paulo hoje... São Paulo, talvez o Rio Grande do Sul com a vinda do Inter, a gente está

falando de realidades de clubes que estão se importando em dar melhores condições ao futebol feminino. Mas aí a gente conta nos dedos. Aqui no Rio a gente já viu clube que jogou campeonato carioca com jogadoras totalmente sem condições, que abandonou jogo no primeiro tempo. Porque as pessoas... e aí que eu falo que eu não gosto dessa questão de obrigatoriedade. Obrigatoriedade o cara vai jogar a camisa ali e é assim. Está tendo aqui porque é obrigado, então é desumano as vezes você comparar o que acontece em São Paulo que é uma capital a parte, não só do que acontece no futebol feminino mas do futebol no Brasil. A Federação Paulista é uma Federação que deve ser exemplo para todas as federações do Brasil. O que o Mauro Silva vem fazendo com o masculino e a Aline Pelegrino no feminino, faz com que São Paulo esteja *anos luz* à frente de qualquer Estado. E isso faz com que os clubes de São Paulo... Corinthians, Centro Olímpico, vamos falar de Rio Preto também que é uma grande referência, São José... Eles são especiais para o futebol feminino. Quando você tem uma federação que não se importa com o que acontece como aqui no Rio os clubes vão fazendo da maneira que dá. Então assim, infelizmente a gente conta nos dedos os clubes que dão suporte para o futebol feminino. Eu espero que com tudo o que está acontecendo os clubes tenham uma visão diferente. Uma boa estrutura de treino, de descanso faz com que os resultados aconteçam muito mais rápido do que as pessoas imaginam. Aí dá campo careca, dá seis bolas, dá água quente, isso em um sol de rachar, e ainda quer que a menina apresente um bom futebol. É complicado demais. Mas a gente também tem que partir do princípio de que os profissionais não têm que aceitar. Porque enquanto tiver profissional que aceita isso, vai continuar tendo clube que não pensa em uma estrutura.

M.N. – É verdade. Inclusive, pegando o gancho do que você falou sobre o profissional aceitar ou não, tem uma pergunta sobre a questão da necessidade que às vezes as mulheres enxergam em ter uma outra ocupação profissional para além da de treinadora de futebol. Você eu vejo que atua em projeto próprio, talvez por isso não atue mais em clube de futebol, então queria que você falasse um pouco sobre isso.

T.P. – Eu ainda não consigo viver do futebol. Na verdade assim, eu vivo do futebol porque eu sou técnica de uma escola e eu recebo para isso, eu tenho uma escola de futebol masculino e recebo por isso. A minha intenção com o Daminhas da Bola não é cobrar...

Eu não cobro nada das meninas. O Daminhas acontece buscando patrocínios, buscando apoio para a gente formar atleta para o futebol feminino. Eu ainda não consigo viver disso. Eu já cheguei a trabalhar em cinco lugares para não deixar de ser treinadora de futebol. E isso suga muito. A gente poderia estar exercendo de uma outra maneira. A gente poderia estar trabalhando, dando treino de manhã, a tarde e à noite, estar estudando os jogos e as vezes você não tem tempo nem para comer. Já cansei de estar fazendo preleção, montando o que eu queria numa preleção, o que eu queria num treino de dia seguinte de madrugada. Porque eu precisava trabalhar, eu preciso trabalhar de uma outra forma para poder viver de futebol. Isso prejudica muito até mesmo as atletas. A gente tem “n” atletas que trabalha à noite, entregando alguma coisa ou então trabalha de dia e vai para o treino sem comer. Eu realmente espero que as mudanças aconteçam de uma maneira geral e, principalmente, que as mudanças aconteçam de uma maneira que a gente tenha uma condição digna de viver do futebol feminino. Porque a gente para pensar que a gente tem prata olímpica vivendo assim. Então imagina o momento em que a gente tiver um planejamento a longo, médio e curto prazo o que é que não vai acontecer com nosso esporte.

M.N. – Verdade. E aí como você considera que se dá a conciliação entres a sua vida pessoal e profissional com tantas ocupações assim?

T.P. – É tenso, turbulento demais. A gente acaba abrindo mão de muita coisa pessoal. 2017 foi um ano muito turbulento para todo mundo, inclusive para mim. Eu vim de um término de um casamento e de “n” coisas por você se entregar demais. Mas eu acho que não é diferente do que acontece com o futebol masculino não. O treinador de futebol quando ele resolve que é aquilo que ele quer e ele tem um objetivo, você não tem tempo de chorar, não tem tempo de chorar perda, derrota. Você vê o professor Abel que perdeu o filho de uma maneira tão trágica e tinha que estar no campo de futebol. Então assim, eu falo muito para as minhas atletas que atleta não é gente, atleta é atleta e treinador de futebol não tem tempo de ser humano, porque você ser humano o tempo todo você não consegue porque você é criticado, você é chamado de burro, você tem que entender a cabeça de quinze, vinte atletas, comissão técnica e se você não souber enxugar a esponja que é o seu cérebro, você pira. Mas eu não acho que é uma relação só do futebol feminino não é uma relação do treinador em geral. A pessoa que vive de resultado e que você

precisa estar preparado para ser o escudo de todo mundo. Então é uma visão do treinador mesmo.

M.N. – Entendi. E aí a gente já está quase finalizando, a gente passou pela sua inserção na carreira, um pouco desse processo, seu dia a dia... Você considera, além disso tudo que já mencionou, haver alguma necessidade para uma mulher permanecer no cargo?

T.P. – Claro. Acho sim. Vou dizer para você, muita gente fala que não tem preconceito, que acha que não porque a mulher tem capacidade sim mas existem... Eu sempre falo isso, que aí quando você perde “Ah, é porque é mulher”, “Ah, é porque não sabe”, “Desde quando mulher serve para ser treinadora?”. Está melhorando? Está *melhorando*, mas não acabou. Não mudou, não é assim de uma hora para a outra. A gente precisa engatinhar, a gente precisa ter mulheres à frente do futebol feminino, é absurdo a gente contar nos dedos as mulheres que trabalham tanto na série A quanto na série B. Na série A1 e série A2 do Campeonato Brasileiro, é absurdo. Conta nos dedos. É a Tatiele no Inter, a Ana Lúcia Gonçalves na Ponte Preta, é a treinadora que surgiu agora no time de Natal então a gente conta nos dedos as mulheres que estão hoje à frente de uma equipe. Então a gente precisa começar a batalhar por isso, a colocar a cara. As ex-atletas que estão encerrando carreira, procurar se capacitar porque elas sabem o que o futebol feminino precisa. Mas não adianta vir do campo para o banco porque é uma diferença muito grande de visão. É se preparar para ser treinadora. Eu espero que cada vez mais as mulheres comecem a ocupar o seu espaço dentro do futebol feminino. Não só dentro do feminino mas do futebol. Porque eu acho que treinador é treinador independente do sexo. É capacidade como profissional.

M.N. – Verdade. E fica até um pouco repetitivo, mas da mesma maneira que eu lhe perguntei o que faz com que uma treinadora tenha sucesso e você me respondeu a capacitação, o resultado, o que você diria que garante a permanência de uma mulher nesse cargo?

T.P. – O que garante é o conjunto disso tudo mais pessoas que acreditem no projeto. Mais pessoas que entendam que o resultado ele não é imediato para nada. Ele precisa ser

planejado a médio, longo e curto prazo. Então assim, as pessoas precisam aprender a ter um pouco mais de paciência e acreditar na profissional que está ali. Porque não adianta você estar ali e perdeu um jogo, perdeu dois jogos, você está colocando uma essência, uma visão, uma maneira de jogar e aí as vezes, a mulher está ali, perdeu dois jogos e “Ah, não é assim que se faz”. Então é um conjunto e principalmente acreditar na ideia do que a treinadora quer passar. Se capacitar, buscar resultados e acreditar na sua ideologia de trabalho. Você não pode mudar aquilo ali porque o cara acha, é a sua ideologia, é aquilo que você espera como seu modelo de jogo, sua visão de jogo então precisa partir do princípio que as coisas demoram um pouquinho para se encaixar e elas vão acontecer mediante ao comprometimento de todo mundo. Então vamos comprar a ideia passando por problemas mas acreditando que o resultado vai acontecer.

M.N. – E como você analisa as oportunidades de ascensão na carreira para todas as mulheres que atuam como treinadora hoje no Brasil?

T.P. – Tudo depende de como os clubes vão pensar sobre essa obrigatoriedade. Porque pelo que eu entendi, é obrigado a ter uma mulher na comissão técnica, então assim, se tudo acontecer como a gente espera que vai acontecer, a gente vai ter cada vez que estar capacitando mulheres para estarem em uma comissão técnica. Porque a gente para pra pensar que são dezesseis clubes em cada série então vai faltar mulher para tanta oportunidade de trabalho, mas isso depende de como será a feita a cobrança dessa obrigatoriedade. Então assim, eu *espero* que as oportunidades cheguem. Eu sinceramente acredito que isso vá acontecer, mas não depende só de a mulher estar capacitada, depende de o clube estar abrindo a porta.

M.N. – Com certeza. E as suas expectativas como treinadora, quais são?

T.P. – Eu busco poder um dia viver do futebol feminino. Tenho o sonho de chegar a alguma seleção, tenho o sonho de um dia poder treinar um grande clube no Brasil e aí as coisas vão acontecendo. Nesse momento da minha vida eu não tenho ainda a vontade de estar à frente de uma equipe principal. Eu gosto muito de formar, muito de trabalhar na base. Eu acho que antes de a gente pensar na Marta a gente precisa formar a Marta, não

só como atleta, mas como cidadã. Como mulher consciente da sua posição na sociedade e que eu venho buscando para mim hoje é conseguir formar da melhor maneira possível, atletas para o futebol feminino.

M.N. – Perfeito. E você tem interesse em um dia atuar com o futebol de homens?

T.P. – Nesse momento não. Quem sabe um dia. Eu já trabalhei na escola do Flamengo, tenho a minha escola de futebol masculino, já tive convite para assumir equipes de futsal aqui no Rio de Janeiro em clubes, mas eu a princípio, não posso dizer nunca, mas a princípio não tenho essa mentalidade não.

M.N. – E agora passando a nossa última questão, há algo que te faça pensar em desistir de trabalhar como treinadora?

T.P. – Eu acho que o que poderia me fazer pensar em desistir é se as coisas continuarem não acontecendo. Tem uma mulher na Seleção e nove meses depois ela não está mais na Seleção. Uma obrigatoriedade para que todo mundo tenha futebol feminino e eu espero que ela permaneça. Aqui no Rio de Janeiro a gente tem muito assim: o clube tal montou uma equipe de futebol feminino e no ano seguinte o clube não tem mais. Então é o que pode me fazer desistir. Mas eu acho que cada vez você consegue chegar mais longe, cada vez que você tem uma atleta que está saindo do país e te agradece. Cada vez que você tem, uma atleta, como eu tenho, em que ela é a primeira menina a ter o segundo grau em casa *por* causa do futebol. Eu deixo isso bem claro para os pais. Sua filha paga a escola dela porque ela joga futebol. Isso faz com que eu não desista. Cada vez que eu vejo uma aluna minha entrando na Universidade e continuando na Universidade jogando futebol faz com que eu não desista. E mais o que isso, o que me faz não desistir é que eu não quero deixar a minha história acabar. Porque eu sou fruto do futebol feminino. Desde a minha infância estudando em colégio com bolsa até a minha Universidade veio do futebol feminino, então se *eu* que vim disso não acreditar, a minha história vai acabar. A minha história, a história da Preta, a história da Leda, da Marta, vai acabar. A gente não vai ter um legado. Então a gente precisa acreditar. Se você não acredita na sua história quem vai acreditar?

M.N. – Verdade. E por fim então, eu terminei com as perguntas do roteiro, queria saber se você quer deixar algum comentário, quer destacar alguma coisa que eu não tenha lhe perguntado. Pode ficar à vontade, por favor.

T.P. – Eu espero que mais mulheres, homens e pessoas tenham essa iniciativa que você está tendo. A gente *precisa* de pessoas que falem sobre o futebol feminino, a gente precisa de artigos científicos, a gente precisa de pessoas que pesquisem sobre o futebol feminino. A gente tem pouquíssimos trabalhos sobre isso e a gente precisa que as pessoas comecem a cutucar. Porque o mercado está para acontecer e aí quando o mercado começar a acontecer não adianta a gente vir igual maluco q começar a escrever e... Porque aí a concorrência vai ser muito grande. Então eu espero que mais pessoas se interessem em escrever sobre o futebol feminino. Mas a gente não está falando só de preconceito, de visão de sociedade, a gente está falando de treinamento, de competência tática, técnica. Existem algumas diferenças no treinamento de mulher e de homem e que valem a pena serem estudadas. Eu espero que outras pessoas tenham essas iniciativas que você está tendo e eu até me coloco à disposição para ajudar no que precisar.

[FINAL DA ENTREVISTA]